

[www.oxisdaquestao.com.br](http://www.oxisdaquestao.com.br)

# Dicas para o “bem escrever” em Jornalismo

Texto de CARLOS CHAPARRO

**OXIS DA QUESTÃO** - Não há jornalismo sem texto. E não há texto jornalístico sem três virtudes essenciais, a principal das quais a **CLAREZA**. Ao contrário da Ciência, que se pode dar ao luxo (às vezes estúpido) de cultivar o hermetismo, no Jornalismo, o texto tem de ter na clareza a primeira e fundamental qualidade. E não se alcançará a clareza sem a decisão lúcida de definir os **CONFLITOS** preponderantes e sem a criatividade indispensável à escolha e à articulação das **RELEVÂNCIAS** ordenadoras do texto..

Uso a provocação da forma interrogativa para entrar num assunto que espero interesse aos jovens ingressantes nas faculdades de jornalismo, para quem preferencialmente escrevo este texto:

- *Como aprender a escrever bem?* - isto é, com clareza e cada vez melhor.

- *Há fórmulas e métodos de bem escrever no jornalismo? Ou isso é coisa que não se ensina nem se aprende?* – como diriam os que pregam por aí que basta ter talento.

A cultura jornalística produziu algumas receitas. E por falar em receitas da cultura jornalística, vem-me à lembrança o meu primeiro chefe de reportagem, no **Diário Ilustrado**, vespertino de Lisboa, lá pelos idos de 1958. Chamava-se Alfredo Alpedrinha, o bom Alpedrinha, que já se foi. Na competência jornalística, Alpedrinha cuidava particularmente bem do "arroz com feijão", a rotina do dia a dia. E adorava a síntese, que exercitava nas "notícias em três linhas", habilidade em que ninguém o batia. Pois Alpedrinha, como tantos outros chefes de reportagem e de redação, gostava de ensinar aos mais novos: "*Comece sempre pelo que é mais importante*".

Mas nunca me ensinou como se decide o que é mais importante numa notícia. Nem eu lhe perguntei. Talvez por falta da pergunta, faltava a resposta. Como resposta faltou para outra pergunta que também não fiz, nem se faz por aí, nas redações controladas por manuais de redação - esta: "*E porquê o mais importante tem de estar no início da notícia?*"

Não consigo nem arrisco imaginar como Alpedrinha teria respondido às perguntas que não lhe fiz. Mas nessas perguntas estão, sem dúvida, questões centrais da arte de escrever com clareza.

Ou, se preferirem, nas artes de pensar.

Faltou arte, por exemplo, no pedaço de mau texto que a seguir transcrevo, redigido por um figurão bastante solicitado para fazer análises políticas, e publicado em importante jornal diário de Lisboa. Os nomes não vêm ao caso, nem o do jornal nem o do autor. Mas, para fins pedagógicos, guardo desde setembro de 2000 o recorte do artigo, que se propunha a fazer uma análise sobre supostos equívocos da ação política do governo russo, ante

situações de crise que à época teve de enfrentar.

Assim lá estava escrito:

***"O comportamento dos comandos perante a tragédia do Kursk, circunstância em que o almirantado mentiu e mostrou ignorar os valores humanos, demonstra que a agonia do império é muito lenta na cadeia do comando, que a idéia persiste além dos fatos e que os riscos desta sobrevivência podem desenvolver-se em mais de uma oportunidade: o desastre no Afeganistão não impediu a teimosia na Chechênia e nesta vão sendo desmentidos cada dia os progressos anunciados pela nova presidência, também paralisada perante o desastre naval e a angústia das famílias atingidas".***

Ocorre nesse trecho um problema também encontrado com certa facilidade por aí, em editoriais e artigos de certos jornais, e até mesmo em reportagens tecnicamente mal cuidadas: a gente lê, e não consegue memorizar com nitidez uma só idéia ou informação. Relê, e continua a acontecer a mesma coisa. E mais algumas releituras terão de ser feitas, para conseguirmos memorizar alguma idéia do complicado fraseado.

Sob o ponto de vista da ortodoxia gramatical, talvez tudo esteja certo, impecável. Mas a verdade é que, na relação com esse texto, só lá péla terceira ou quarta releitura se consegue decifrar o enigma.

E isso por quê?

Por alguns motivos. O principal é o de não haver, no longo período-parágrafo de 89 palavras, uma idéia ou informação que aflore claramente como a mais importante, impondo lógica, clareza e fluência articuladora às idéias - estivesse a sentença mais importante no início, no meio ou no fim do parágrafo.

Outro problema, derivado do anterior, é a mistura nivelada de uma quantidade abusiva se idéias independentes,

concorrentes entre si. Se o autor do texto houvesse seguido a velha receita da Seleções (não escrever períodos com mais de 27 ou 28 palavras), teria facilitado a vida dos leitores e a sua própria tarefa. Escrever em períodos curtos é norma sábia, que funciona, se bem posta em prática. Até porque, em poucas palavras, dificilmente alguém conseguirá misturar idéias...

## Aprendendo com Hemingway

Não me lembro onde li a frase, mas guardo-a inteira na memória: "Um bom livro começa com uma frase forte, verdadeira". O autor não explicou o que entendia por frase verdadeira. Mas, lendo suas obras, logo se entende que frase verdadeira é, na essência, uma frase rigorosamente precisa.

Exemplos? Leiam este:

*"O velho chama-se Santiago. Dia após dia, tripulando sua pequena canoa, ia pescar no Gulf Stream. Mas, nos últimos oitenta e quatro dias não apanhara um só peixe".*

A frase puxa o fio da meada de um livro histórico, **O Velho e o Mar**, de Ernest Hemingway. É de Hemingway, também, a frase citada, sobre como começar um bom livro.

Ernest Hemingway levou do jornalismo para a literatura a precisão com que esculpe a clareza, em sua arte de descrever, para narrar. Ei-lo, no exercício da arte: *"A casa ficava na parte mais elevada da estreita faixa de terra entre o porto e o mar aberto. Tinha resistido a três furacões e era sólida como um navio".*

Também por causa dos ensinamentos de Hemingway, acredito que está no rigor da precisão o caminho mais curto e eficaz para o jornalismo se aproximar da verdade, e se relacionar com ela - precisão em dados e detalhes de

função descritiva; precisão no relato dos fatos e das falas; precisão na escolha de verbos, substantivos e adjetivos.

Da precisão resultará a clareza, sem a qual não há comunicação bem sucedida. Mais no jornalismo do que em outros campos da linguagem escrita, a clareza vai além da questão do estilo e do talento individual de quem escreve.

Jornalismo é texto de consumo rápido, imediato. Além disso, carrega consigo as complexidades e subjetividades de um processo interlocutório amplo e complicado.

Qualquer relato jornalístico resulta da interveniência interessada de múltiplos sujeitos, alguns deles protagonistas dos fatos, outros, narradores dos fatos. Nos próprios limites das redações, vários jornalistas atuam no percurso da notícia - nem sempre harmoniosamente.

A indispensável virtude da clareza está, pois, dificultada pela complicação das interações, ao longo do processo.

Na interlocução, pela escrita como pela fala, temos de levar em conta uma limitação de raiz biológica: a mente humana dificilmente consegue decodificar mais de uma idéia ou sentença por vez. Por isso, quando falamos uns com os outros, evitamos naturalmente os períodos longos, tendentes à mistura de idéias. E rejeitamos apostos com estrutura de frase, que fragmentam as idéias principais.

Nas relações do dia a dia, a sabedoria da vida nos capacita para a necessidade vital de sermos compreendidos. Já quando redigimos, talvez também por interagirmos com interlocutores ocultos, freqüentemente caímos na tentação de escrever para nós próprios.

Não funciona.

## **A arte das relevâncias**

Mas não basta apresentar uma idéia por vez. É preciso que

as idéias tenham relação lógica entre si - e isso só acontecerá se, no conjunto das sentenças articuladas, uma adquirir relevância preponderante, para funcionar como eixo articulador do texto.

Na dimensão do parágrafo, a gramática chama de "tópico frasal" a idéia ou a informação de maior relevância. E em torno do tópico frasal, a partir dele ou em sua função, se faz a articulação das sentenças secundárias.

Era ao tópico frasal que os velhos chefes de redação (Alpedrinha entre eles...) se referiam quando profetizavam como verdade que "*uma notícia começa pelo que é mais importante*".

Tinham razão. É mais fácil escrever, e com maior clareza, com o tópico frasal no início do parágrafo. Porém, quando claramente definido e perceptível, o tópico frasal determina, inevitavelmente, o sentido e a ordenação do texto, esteja ele no começo, no meio ou no fim do parágrafo. Só que esses deslocamentos da idéia ou informação principal exigem habilidades literárias que a lógica burocrática dos manuais de redação nem sempre tolera.

\*\*\*

Ao tratar destas questões, continuo a pensar nos jovens que agora entram nas universidades, atrás do sonho de serem jornalistas. E lhes digo, com a convicção que os cabelos brancos me permitem: é um fascinante exercício de criatividade escolher as relevâncias mais importantes de um texto, e decidir que informações ou idéias secundárias devem dar significação e sustentação às relevâncias escolhidas como mais importantes.

Desse criativo exercício resultarão as peculiaridades e os encantos sedutores de cada texto.

## A teoria da prática

O escritor pode ter todo o tempo da vida para escrever seu livro. O jornalista, porém, está dramaticamente submetido à premência de prazos. Na informação diária, a partir de certo horário, os prazos se dividem em minutos; na televisão, até em segundos. E quando há pouco tempo para pensar, algumas ferramentas conceituais podem ser úteis.

O jornalista cuja capacidade de escrever mais me impressionou tinha o raro talento de, quando chegava o tempo de redigir, rapidamente decidir por onde começar uma reportagem. Era um talento tão aguçado que, freqüentemente, Francisco Calazans Fernandes (esse, o seu nome) começava a escrever pelo título, ali colocando, em síntese perfeita, a essência do conteúdo.

Nas décadas de 50 e 60 do século passado, Calazans foi repórter talentoso e atrevido, em jornais do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo. Também chefiou redações e dirigiu projetos editoriais de grande porte. Na maturidade, dedicou-se à Educação, primeiro como secretário de Educação do Rio Grande do Norte, onde, no município de Angicos, realizou a mais bem sucedida experiência de aplicação do método Paulo Freire de alfabetização. Dedicou-se, mais tarde, à tele-educação, dirigindo programas educacionais na Rede Globo. Na aposentadoria, passou a produzir literatura de sabor jornalístico, caldeando ficção e realidade. (\*)

Em meados de 2000, com o pedido de comentários, Calazans Fernandes mandou-me uma cópia de uma dessas obras literárias em que trabalhava. Na leitura, redescobri a exuberante lucidez que com tanta facilidade levava o autor ao âmago das questões, fossem elas simples ou complicadas. E tentei imaginar qual seria o método de Calazans, para chegar com tão rigorosa precisão à

definição do que é essencial.

Lembro-me bem: nos tempos do Calazans repórter, quando ele começava a escrever, o texto brotava naturalmente, parecendo jorrar de uma torneira generosamente aberta. Mas torneira que só se abria depois de resolvida a questão central: - **O que é mais importante? Qual a idéia-eixo?**

Para resolver esse problema, Calazans às vezes espalhava montanhas de documentos e anotações pela mesa. Com rapidez mágica, fixava-se num dos papéis, destacava-o do conjunto e dizia: "*Está aqui*".

Que saber era esse, contido nas práticas jornalísticas de Calazans Fernandes?

Fiz-lhe a pergunta, quando eu ainda lecionava, para repassar conhecimentos aos meus alunos. E ele respondeu, sem teorias:

*- Diante de uma reportagem, a pergunta que se formava na minha cabeça era seguinte: O que é isto? Como eu vou escrever sobre isto? - e a solução do problema tinha que estar no título. Sempre tive a convicção de que se não fosse capaz de resumir um problema, um tema ou um acontecimento num título, também não seria capaz de explicá-lo aos leitores. E se o leitor não entende, o jornalismo é inútil. Depois de resolvido o problema, o texto vinha aos galopes.*

Logo acrescentou, porém, uma advertência preciosa:

*- Eu não sei como vocês ensinam isso aos alunos. Mas no meu jeito de pensar jornalismo, as coisas só adquirem importância se forem localizadas no tempo e no espaço. Fora do contexto, nada tem importância.*

Será que dá certo esse jeito de lidar com a narrativa jornalística?

Vejam o resultado, num parágrafo que recorto de um texto de Calazans Fernandes, sobre as lutas de libertação do



Acre:

*"Gaúchos, portugueses, judeus, árabes, norte-americanos, gente dos quatro cantos do mundo deram a sua contribuição. Mas, se não fossem nordestinos como o coronel Childerico José Fernandes de Queiroz, de Pau dos Ferros, da tromba do elefante no Rio Grande, o Acre não seria hoje brasileiro"*.

\*\*\*

Como professor de jornalismo, defendo a idéia de que a boa prática jornalística produz um saber que a Universidade precisa incorporar. E teorizar. Por trás da precisão que dá beleza literária ao texto de Calazans Fernandes há um método que tentarei remontar, a partir das lembranças que guardo do tempo em que, colega de trabalho na mesma redação, e querendo aprender, observava a maneira como ele trabalhava.

Vamos lá.

**a) Em primeiro lugar, o texto claro, preciso, empolgante e densamente informativo de Calazans Fernandes resultava sempre de investigações exaustivas.** Era um incansável fabricante de perguntas. Também incansavelmente, ia atrás de quem sabia as respostas. Tinha obsessão por documentos. Cruzava o que ouvia e recolhia nas andanças da rua com o referencial de livros e as revelações guardadas em arquivos de documentos. Ele próprio era um infatigável colecionador de recortes de jornais, onde guardava a memória organizada do seu tempo.

**b) A percepção do mais importante, Calazans alcançava na fase de investigação.** Logo nas primeiras conversas e no início do levantamento de dados, ele escolhia a vertente predominante, que deveria dar sentido e organização ao texto. A partir dessa escolha, delimitava

o que sabia e o que lhe faltava saber, para compreender e contar a história. Ia então à luta, direcionando a busca para o aprofundamento que lhe interessava, depois da escolha do enfoque principal. E investia na pescaria de detalhes significativos, registrados com precisão inquestionável.

**c) A escolha do enfoque principal sempre estava associada à preferência por um conflito, ou pela acentuação de uma leitura do conflito.** Essa escolha ou essa acentuação davam rumos tanto à investigação jornalística quanto à estratégia narrativa. Às vezes, a acentuação se dava pela leitura ideológica do conflito. Em outras, pela leitura política, social, econômica, cultural ou ética dos conflitos que davam noticiabilidade aos fatos.

Qualquer boa história jornalística pode ter várias dessas leituras, e Calazans optava por uma, como predominante e ordenadora do texto. Na prática, usava um ferramental de percepção e atribuição de significados que funciona. E que estimula a criatividade jornalística.

O resto é talento, e talento não se ensina. Mas pode e deve ser educado.

---

\* Já bisavô, o jornalista Francisco Calazans Fernandes faleceu em São Paulo, dia 27 de Janeiro de 2010.